

Cenas inéditas do romance inacabado de Osman Lins: A CABEÇA LEVADA EM TRIUNFO

selecionadas por Julieta de Godoy Ladeira

Apresentação da personagem José Apolinário, durante uma distribuição de alimentos em período de seca, no Nordeste brasileiro. José Apolinário é reencontrado por um parente que vai visitá-lo, vindo de longe. José Apolinário encantara a infância desse visitante que não o via há muitos anos.

Quando os caminhões pararam em Nova Descoberta, pensei que ia morrer ou que ia começar a chacina. O pessoal saiu de onde? Do chão? Estavam enfeitiçados? Só vi foi a poeira, aquele poeirão, nuvem rasteira e enrolada, os esfarapados vinham em bolos, carentes de comida, mas fortes, ainda fortes das pernas e da goela, vinham para cima dos carros num alarido tão grande que nada mais se ouvia e ligeiros como nunca vi: meninos, homens feitos, velhos, mulheres grávidas, se acotovelando, tendo nas mãos pratos de estanho e latas vazias de querosene que batiam umas nas outras, vi aquelas pernas girando e tudo aquilo, de repente, me doeu na alma, foi igual uma faca, a uma verruma, foi como se meus pés, depois de anos, se mexessem, eu sentia compaixão e também raiva, vi os soldados apontarem as armas, só um desceu da viatura que levava os alimentos, atarantado, e foi este quem deu uma rajada curta, o pessoal correu ainda - dois? três passos? e estacou. Muitos riam, como se os disparos fossem uma brincadeira.

As lojas estavam fechadas, mas havia gente nas portas e janelas, dentro das casas, acompanhando o portento.

- Façam coluna por um - gritava o cabo.

Mas cada um tinha medo de avançar, com as bocas das armas abertas para eles, e vigiavam, quem pensava em ceder? Era gente acima da conta, muito

couro de barriga quase colando nas costas e estava na cara que a esmola do governo - a farinha, a carne de charque, o moca, o açúcar mascavo - não dava para todos.

A poeira levantada ia se espalhando em nossa direção. Eu olhava aquela cabroeira, o mulhério escuro, de panos amarrados na cabeça, as camisas abertas dos meninos, o triste mostruário de chapéus sombreando as caras quase invisíveis dos homens, os pés na terra dura, como é, gritou o cabo, entram em forma ou não entram? engoli em seco para não vomitar e rezei a meu modo, sem fé e com blasfêmias, por uma tromba d'água que raspasse, zapt, esses fugitivos de uma seca-fantasma, por outros criada e real em seus efeitos, mas o sol se abriu de vez, o largo até ficou maior, mais descampado, mais árido.

Foi então que se abriu a porta de uma casa e um velho veio andando, um velho meio curvo e ainda esguio, ainda com um sinal invisível acima da cabeça branca, a mão esquerda em pala e a direita na barriga, como se estivesse com uma bala nas tripas, que diabo de homem era aquele?

A tensão afrouxava a cada passo que ele exigia do corpo, quem seria? uma mulher veio atrás, entregou-lhe o chapéu, quis trazê-lo de volta, ele puxou o braço, pôs o chapéu na cabeça e pelo modo de cortar a ação da mulher, pelo chapéu, pelo jeito do chapéu, meio sobre a orelha direita, com a aba quebrada para cima, descobrindo a testa, os olhos, eu vi que era José Apolinário vindo para o seu último gesto inútil neste mundo, governado até o fim pela sua maneira de viver, de ser, sempre tomando as dores de alguém, sempre aparecendo onde não foi chamado, respondendo o que não perguntado, saldando o que não foi cobrado e nunca - também nisso - pesando as vantagens.

- Esse velho não dá mais nada - disse o motorista, olhando através do pára-brisa. Vem meter-se aqui para quê?

Via-se, mesmo à distância e sem que nada fosse dito, que Apolinário não vinha pedir nada.

- Foi ele que eu vim visitar. Está ruim mesmo. Não tem seis meses de vida.

Vi quando cambaleou, parecendo ofuscado. Ainda olhou em nossa direção e fez um gesto vago de apelo. Relutante, deu meia-volta e entrou de novo em casa, mais curvo do que antes. Sim, ele estava com os últimos dias contados, os recibos das contas já passados, mas devia restar-lhe ainda (o quê, autoridade? poder de conciliação, um fluido?, o quê?) algum dom que eu não tenho, pois entre os canos das armas e os andrajos sobreveio uma espécie de ida e volta, um fluxo, uma troca, formou-se quase um compadrio entre os milicianos e a cambada, que agora ria solta (bons retirantes estes, brincando com a miséria) e quando entrei na casa dele a distribuição das rações já estava em curso, tudo na santa paz.

Foi a cadeira de rodas, antes de mais nada, que me identificou. Como reconheceria Apolinário, no cinquentão estropiado que não sabia ainda o que dizer e

abalroava nos móveis de pés finos, o moço a quem não via desde quando orçava ele mesmo pelo número de anos que eram agora os meus? Primeiro, olhou pasmo e não sem desconfiança, um tanto desamarrado da cara o queixo ainda nítido; passou a vista ãa cadeira e eu soube que ele estava lendo, na minha visita, o seu fim, eu valia por uma sentença de morte.

- Você aqui?!

Não era uma exclamação de alegria e sim de medo, agravada pelo tom da voz, quase a de um mendigo, humilhada e pouco firme. Cheguei minha cadeira para junto da sua - com um forro verde-claro de plástico - e dei-lhe um abraço, abracei aquela ruína que atendia, com que direito? pelo nome de José Apolinário e que talvez eu odiasse, por inalcançáveis, o desassombro burro, a fé estúpida, a insensata alegria de viver, o fervor sem motivo, a confiança teimosa de um varão de quem pouco se lembravam e que se chamava José Apolinário. Vagavam na sua mente, pois vagavam na minha, na sua mente onde tudo ia ficando duvidoso, frouxo, pescarias e caçadas, banhos de rio, cavalos chispando, um olhar maduro e plácido, punhais, armas de fogo, papagaios de papel, estradas de lama, bravatas.

- Graças a Deus você chegou.

Ele olhava para cima, para Deus, e o queixo estremecia. Tenho rezado tanto esses dias. Queria ver você uma vez antes de morrer.

- Morremos todos.

- Agora posso fechar os olhos em paz. Não desejo mais nada. É uma dor, meu camarada, uma dor que você não faz idéia. A finada gostava tanto de você. Ela sempre se lembrava do seu aniversário.

- Nem eu sei mais quando é. Nem eu sei.

(...) Faltava à casa pouco espaçosa, qualquer intimidade; quem passa na calçada vê até a cozinha, e através da janela da cozinha, o quintal desolado, sem árvores. José Apolinário alugou essa casa para ficar mais perto de Palmares, de onde o médico vai vê-lo quando o mal se agrava. Ouvem-se as vozes da multidão. Está na sala-de-jantar, debruçada à mesa, terçol no olho esquerdo, uma dona dos seus vinte e poucos anos, parruda, relaxada, sua sobrinha em segundo grau e, até onde sei, única parenta que lhe resta no mundo. Vou procurando saber qual o tratamento recebido e chego à conclusão de que ele está morrendo no abandono. As duas cataplasmas, a mulher e a sobrinha, fizeram as contas e verificaram que operação, ali, não adianta nada, que hospital só faz roubar, que enfrentar uma doença como essa é jogar dinheiro fora e que, se não cuidarem na vida, quando ele fechar os olhos elas estão sem níquel e, ainda por cima, endividadas. No fundo, concordo com as duas. Acho que pensam bem. Salvar a pele, acima de tudo. Fazer o quê? Nada. Deixa morrer. De repente, eu, que nem sequer me movi quando os falsos flagelados estavam frente às bocas das armas, vi quanto errara me aventurando nos solavancos do mundo cá de fora, para seguir um uso

venerado por comadres, visitar um condenado às vésperas da morte e que, podia negar? eu não conhecia e não me conhecia. Foi quando ele se levantou e, apoiado na mulher, enquanto a sobrinha rabiscava na mesa com o indicador robusto, procurou o banheiro. Eu via os dois, ele com sandálias de couro cru - para o muito que haviam andado no mundo os pés até que eram bem formados -, ela com sapatos de lona e sola de borracha, um dos cordões desatado, ele com calças de zuarte, frouxas, a camisa para fora, ela com um vestido de bolinhas verdes, o cabelo tingido, meio pesadona, José Apolinário de cabeça toda branca, se apoiando na mulher e avançando precavido, a passo de equilibrista, um sujeito como ele, que nunca soube o que é ficar parado, um andarilho, um peregrino, um calcanhar de barro, um comedor de léguas, mas se todo o caso fosse este eu teria cumprido a obrigação, dava um abraço, você vai ficar bom, vai ser o mesmo homem, voltava no caminhão-pipa e pronto. Não degradingolava - como se me atirassem pela escadaria abaixo -, não degradingolava na esperança, na compaixão, na intromissão, essas despendiosas armadilhas. Na sala-de-jantar, porém, junto à sobrinha, Apolinário parou - era tão difícil avançar? - e começou a chorar em silêncio, um menino. A mulher também, dizendo a ele, como se diz a um menino, não chore não, os dois ali imóveis, abraçados, o terço da sobrinha pesando sobre o olho indiferente, o ancião José Apolinário e a esposa cujo nome eu ouvira sem guardar, deploráveis, expulsos sem remissão da alegria e do futuro, ele a um passo da cova e ela do luto. Então, sem mão para conter-me, esquecido do que sou e talvez por ser quem sou, decidi *fazer alguma coisa*, quer dizer, jogar água na sopa, mexer num abcesso em formação. Paciência, eu disse, um homem como ele, de posses, ficar entregue à atmosfera, hospital era para isto, a sobrinha ergueu a pálpebra e resmungou que esses médicos..., hospital é um sorvedouro, adiantou a velha, melhor tratar-se em casa, a pessoa nos seus cômodos. Apolinário, um trapo umedecido em ácool à altura do fígado, quis saber de que tratávamos, a mulher resumiu olhando-o fixo: "Hospital! Palmares!" "Nada! Morro aqui mesmo." "Ele não quer ir", reforçou a sobrinha. O desgraçado ia na onda, convencia-se de que o melhor para ele era morrer barato, na penúria, pagando a morte com sofrimentos. Passavam frente à porta alguns dos que haviam pegado as suas rações. Eu insistia em arrancá-lo ao conluio das duas carcascas domésticas, aquelas almas de carraptos, ele agora ausente, mais surdo do que nunca, exposto à sarna da agonia como um cachorro sem dono, extraindo os últimos alentos como quem arranca sem anestesia os dentes furados, morre logo, traste, e de repente voltou-se para fora, eu vi os olhos dos seus tempos de homem, ele disse "pobre povo", se enganando, eu acho, superior, o nu lamentando o esfarrapado, era medir o vento a palmo, fazer-se de cego. Gritei - por desaforo? não, tributo a algum remorso? não, mas porque descera a minha escada, abrira o meu portão, entrara no alçapão do mundo - gritei para que ele ouvisse, que eu fazia questão de arcar com o necessário, vivia folgado e não tinha her-

deiros, a amizade paga imposto (eu queria dizer que impunha obrigações), a cidade de Palmares não mordida, o vento já levava todo o pó amaldiçoado, eu conhecia os médicos da Casa de Saúde (especialistas de nada, doutores rabo-de-cabra, incompetentes, ladrões, quadrilha de branco, açougueiros, isso eu não disse), se fosse preciso ele ia operar no Recife, que diabo, amigo é amigo. A casa iluminou-se, caíra um anjo das esferas altas, com dinheiro no bolso e besta, um aruá-do-brejo, comida de gavião, agora sim, estavam como queriam, o velho assistido, o pé-de-meia salvo e a consciência em paz.

- Não sei se ele quer - disse a mulher. Se ele aceita.

- Vocês aceitando é o bastante.

Era só a compaixão que me atirava nesse lance? Que compaixão, que nada! Eu estava embarcado, como se fica em alto mar eu me via em alto mundo, solevado nas vagas do orgulho e da tentação de fazer aquelas duas sujeitas botarem as cartas na mesa, que cartas? as cartas da avareza. Falsas protetoras. Vampiros familiares.

- Talvez seja melhor - cedeu a sobrinha. A inflamação do terçol minava a cara de lua, a cara da malandra parecia uma pálpebra fechada, apostemada, merecia um emplastro de mostarda.

Apolinário como quem de longe, de distantes fronteiras, o que via nele era um morto, menos, o retrato de um morto, tirado há muito tempo, na inocência do que seja um sofrimento caprichado.

* * *

(...) Na Casa de Saúde São Francisco onde se encontra José Apolinário é animada, do lado esquerdo, pelo comércio de cavalos e, lá dentro a sonoplastia, o som de gafeira ou de buate da zona, as putas que morrem ali não estranham o ambiente, morrem alegres, rádio no pé do ouvido, "é melhor renunciar, "sai do meu caminho", música sertaneja, canções de gringos. As enfermeiras pegadas a laço, chucras, chegavam com água de coco, seringas, frasco de soro, falando "piulas", "argodão", "sanitários". Mas eram gente boa, vinham da peneira, do fogão, da foice, da lata na cabeça, do bilro, do barro, das grades, tinham levado do mundo toda sorte de porrada e isso não minara o algodão que eram, continuavam algodões no jeito de falar, de virar o doente na cama, só um puquinho, viu? não dói não.

O tumulto da feira de cavalos, os relinchos, as patadas, os berros dos negociantes, tudo abafado pela cortina grossa, lanosa, da sala onde se encontra José Apolinário.

Vi quando ele subiu na balança, os braços para trás, a mão direita sustendo o punho esquerdo, vi-o de costas, e onde estava o indomável, o rijo, o cabra danado? imprevistos da matéria, quem se pesava na balança gasta do hospital era um menino sem peso algum no coração e a vida inteira pela frente (com um câncer no fim, sim, mas tão longe que nada significava) o menino Apolinário,

esqueleto ainda mal formado, observava um cantador de feira ou um jogo de pedras, ou uma briga de galos, ou a passagem de um andor, disponível, as mãos nas costas. Os animais que se agitavam na rua do outro lado da parede, me pareceram, a mim que sou homem de imaginários, todos os cavalos, guardados no curral do tempo, que o menino José Apolinário ainda havia de selar, montar, comprar, vender, tanger, trocar, domar, tomar de ladrões, estrompar, banhar no rio, marcar, soltar no pasto.

(...) - Manuel Izidoro... - disse José Apolinário.

Seu rosto agora mais plácido: sobre a pele sem cor parecia haver uma espécie de máscara mais viva, curtida em outros verões, enterrados antes dele, mas aquele nome, solto, podia não ser nada, ainda não ser, mas podia representar uma chave caída de seu bolso.

Acrescentou:

- Que teria sido feito da cabeça?

Fala na cabeça de Manuel Izidoro, cortada.

* * *

Instante em que a barrica, com a cabeça, chegada à estação de Palmares (PE). Osman Lins visitou Palmares para ver a estação e sentir a atmosfera local. A estação (1976) permanecia, bastante sugestiva, deserta. Essa visita de Osman Lins a Palmares se deu numa tarde de alto verão. O local, sem ninguém, exposto ao sol, parecia suspenso no tempo, aguardando a agitação e todas as tensões que o autor ali despertaria, depois, em seu livro.

(...) Soldados marcham decididos no rumo da estação carregando acima dos bonés, em meio ao espinhal de canos com as bocas voltadas para o sol, uma barrica de bacalhau, escura e suja - de barro, de sangue seco, de gosma -, folhas de mato saindo por uma racha, o paletó de riscado em cima da barrica, as duas mangas, rotas nos cotovelos, penduradas (onde os braços e onde as mãos?), um pedaço de fumo de rolo no bolso inferior e coroando tudo o imenso chapéu cor de café, largo como a boca da barrica, três diferentes ligas de mulher passadas à maneira de fita na copa dura de sangue e, entre os buracos de balas, um broche ordinário, arrancado ao vestido de alguma dona - ou talvez dado - e uma estrela de prata, de seis pontas, símbolo disparatado do conhecimento impossível, da realização, nos animais terrestres, do que vêem e sonham os pássaros de vôo alto.

Os que aguardavam uma carroça de mortos tiveram a notícia de que chegava uma barrica coberta (ali: contido, escondido, encerrado ninguém disse ainda o quê) correm de todos os pontos de Palmares, sabem como eu sei, a força e a importância do oculto, a carga abrigada no escuro e conduzida em triunfo (ou conduzida em cólera? em vingança?) significa mais que qualquer outra

amontoada em dez carretas e transportada às claras sobre rodas. Afluem, entre afoitos e indecisos, à estação, e formam em torno dos soldados um cerco. Lá vem eles e lá vou eu.

Por sobre o murmúrio do largo, um dobre de sinos. Alguém diz que o trem para o sul já passou, agora só amanhã podem levar a cabeça para ser exposta e enterrada em Alagoas.

Abaixo das sobranceiras pretas, muito grossas, de Manuel Izidoro, os olhos fundos estão fechados, o esquerdo um pouco mais que o outro, como se ele tentasse ainda um tiro, o último.

O sargento 16 tira o sabre, aproxima-se, parecendo atizar fogo de lenha, mexe na cabeça de Manuel Izidoro, rindo, para se ver melhor a cara do bandido. A cara se alça cheia de mando, como se nos cortasse o olhar severo. De repente, já embriagado por essa espécie de exalação que a entrada da tropa espalha na cidade, vejo como se algum louco me entregasse - numa língua nova, informe, por ele imaginada, que nem o *inventor* alcançasse - um decreto ligado ao meu destino e que tanto pode ser minha sentença de morte como o início de fantástica arrancada, vejo que a cabeça na barrica, descontada a diferença de idade e o lábio leporino de Manuel Izidoro, que não tenho, é a minha própria cabeça e que Manuel Izidoro, degolado, osso jogado no lixo, brada uma ordem, não sei qual, mas que é preciso cumprir - e também não sei a quem ele brada, talvez à cidade, talvez a mim.